

TRAUMA TRANSGERACIONAL EM AFRODESCENDENTES JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Sara Mac Intyre dos Santos (IC) e Antonio Maspoli de Araújo Gomes (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Este presente artigo investigou, a partir do discurso dos colaboradores, a transmissão do trauma transgeracional e do complexo cultural na população afrodescendente e suas consequências. Por meio das falas dos diferentes sujeitos participantes, intentou-se identificar experiências e recordações traumáticas ou não traumáticas existentes entre estes, e como tal percepção da realidade pode afetá-los de forma negativa, tanto nas memórias, pensamentos, como na autoestima/autoconceito. Realizou-se um trabalho de modalidade qualitativa descritiva/exploratória, no município de São Paulo, entre o mês de agosto de 2019 e 2020. Sucedeu-se um total de 9 entrevistas com três diferentes grupos, de acordo com a autodeclaração do sujeito como negro(a), pardo(a) ou branco(a); e com idades entre 18 e 25 anos. Nos resultados, é perceptível a influência de memórias negativas sobre a população parda e negra, apontando para a transmissão de um trauma transgeracional e de um complexo cultural; assim como uma luta de tais sujeitos para a ressignificação do que é ser negro e pardo, e dos estereótipos sociais que os acompanham por consequência do racismo. Dentre os sujeitos brancos, é possível constatar a não transmissão de um trauma transgeracional e complexo cultural, uma vez que não possuem um afetamento negativo em relação a autoestima e autoconceito, assim como em nenhuma área de suas vidas em razão da cor de pele que possuem.

Palavras-chave: Afrodescendentes. Trauma Transgeracional. Racismo.

ABSTRACT

This article investigated, from the collaborators' discourse, the transmission of transgenerational trauma and the cultural complex in the Afro-descendant population and its consequences. Through the speeches of the different participating subjects, it was attempted to identify traumatic or non-traumatic experiences and memories existing among them, and how such perception of reality can affect them in a negative way, both in memories, thoughts, and in self-esteem / self-concept. A descriptive / exploratory qualitative study was carried out in the municipality of São Paulo, between August 2019 and 2020. A total of 9 interviews took place with three different groups, according to the subject's self-declaration as black, brown or white; and aged between 18 and 25 years. In the results, the influence of

negative memories on the brown and black population is noticeable, pointing to the transmission of a transgenerational trauma and a cultural complex; as well as a struggle of such subjects for the redefinition of what it is to be black and brown, and the social stereotypes that accompany them as a result of racism. Among white subjects, it is possible to verify the non-transmission of a transgenerational trauma and cultural complex, since they do not have a negative affect in relation to self-esteem and self-concept, as well as in any area of their lives due to the skin color they have.

Keywords: Afro-descendants. Transgenerational Trauma. Racism.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender os possíveis traumas interiorizados por pessoas afrodescendentes através das gerações. Observa-se negligência emitida a essas populações; negligência essa, transmitida por anos/séculos, a partir de uma ideologia de estrutura social e cultural, que afeta esses povos de forma direta e indireta.

Após quase 400 anos de escravidão no Brasil, a população negro africana obteve sua liberdade oficializada por meio da Lei Áurea, ortogada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888. Todavia, o processo de abolição do trabalho escravo não ocorreu por bondade ou humanidade da família real brasileira, mas sim pelo interesse desta em gerar maior mercado consumidor dos produtos industriais; pela pressão internacional de outros países por causa dos novos padrões civilizadores, como a Inglaterra; e também por meio de grandes lutas e movimentos abolicionistas; além de revoltas e resistências por meio dos povos escravizados, na qual muitos fugiam e davam origens aos quilombos, como o dos Palmares, um dos mais conhecidos (Ribeiro, 1964).

Os negros, ao se verem livres da brutalidade que os cercavam, deixaram as fazendas em que viviam, dando origens a mais quilombos e plantações de subsistência. Todavia, quando tentavam acampar em terras, os fazendeiros vizinhos se reuniam e os expulsavam. Dessa forma, essa população foi sendo cada vez mais direcionada às cidades e suas periferias, aonde encontravam menos hostilidade. Em pouco tempo, deram origens aos bairros negros, que seriam chamados posteriormente de favela. À medida que os negros foram atirados à miséria após a escravidão, os descendentes de antigos senhores de escravos produziam diante deles o mesmo desprezo e superioridade que sofriam durante a escravidão. Os viam simplesmente como forças de trabalho, que eram ignorantes, delinquentes, criminosos e sem possibilidade de mudanças. A ingratidão dos brancos para com os negros é tamanha, uma vez que desprezam a construção econômica e social feita pelos negros africanos escravizados, na qual estes são tidos como culpados pela sua própria condição de miséria e desgraça, fazendo que essa versão deturpada da realidade seja reproduzida entre os negros descendentes da crueldade escravista até os dias de hoje (Ribeiro, 1964).

Tal prejuízo, de um ponto de vista psicológico, pode ser explicado pela definição de trauma transgeracional, abordado primeiramente por Sigmund Freud no seu livro “Totem e Tabu” (1912-1913) e “Moisés e o Monoteísmo” (1937-1939); na qual podemos afirmar que para ele, a transmissão traumática de uma geração para outra, provem primordialmente de totens e tabus, assim como de desejos, vontades suprimidas e proibidas desde a antiguidade até o presente momento. Desse modo, os seres humanos possuem traços

mnêmicos do passado, que atuam como memória e que são transmitidos de forma filogeneticamente mediada pela cultura. Assim, podem-se relacionar as memórias e lembranças que os afrodescendentes carregam consigo, que mesmo não vivendo os horrores da escravidão; de forma cultural, filo e ontogenicamente, e por meio da psique coletiva, carregam em si traumas do que seus antepassados sofreram.

Carl Gustav Jung abrangeu este tema quase na mesma época, na sua obra “Símbolos da Transformação da libido”, publicada em 1912. Para compreender a tese do autor, faz-se necessário primeiramente entender o significado de arquétipo e de psique para tal. Primeiramente, ele acredita que os arquétipos são um elemento essencial para o desenvolvimento psíquico do ser humano, que de uma forma mais simples, pode ser denominado como uma possibilidade de compreensão de imagens e informações primitivas, como lembranças de um passado filogenético, no qual se podem obter referências culturais do coletivo, principalmente de forma inconsciente. Todavia, apesar de os arquétipos possuírem uma estrutura universal, eles são atualizados de uma forma individual, dependendo das vivências pessoais, educacionais e culturais, ou seja, eles se alteram de acordo com as épocas. Já em sua perspectiva em relação ao psiquismo, temos este como uma completude de processos psíquicos, que podem ocorrer de forma consciente ou inconsciente. Este último pode ser dividido em coletivo ou pessoal. Nessa pesquisa, deu-se maior importância ao inconsciente coletivo, o qual inseriu o ser humano na história cultural e renovou sua relação com o passado (MASPOLI, 2018).

Uma diferença primordial entre Freud e Jung, é que o segundo acredita nos traumas derivados além das questões sexuais, como por exemplo, os que se originam a partir de memórias coletivas, e no caso desta pesquisa, pode-se apontar o trauma proveniente de memórias coletivas sobre a escravidão negra.

1.1. Problema de pesquisa

Pretendeu-se investigar por meio de pesquisa qualitativa o trauma transgeracional presente nas memórias e vivências de afrodescendentes jovens; e se há consequências para a autoestima e o autoconceito dessa população.

1.2. Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar/relacionar as memórias da escravidão com o Trauma Transgeracional em afrodescendentes jovens, de 18 a 25 anos, para constatar se o passado escravocrata negro baseado em barbáries, discriminação e exclusão os afeta no período atual, de forma direta ou indireta, consciente ou inconscientemente; por meio de memórias ou lembranças passadas de geração em geração, transformando-se em traumas psicossociais para os afrodescendentes jovens no

século XXI, após pouco mais de 130 anos de abolição da escravidão e consideráveis avanços tecnológicos, educacionais e sociais; afetando-os de forma negativa. Desse modo, puderam-se definir dois objetivos específicos:

- I. Compreender se os afrodescendentes jovens são afetados negativamente pelas memórias de seus antepassados que foram escravizados;
- II. Averiguar se há uma baixa autoestima nos afrodescendentes jovens, causada pelo trauma transgeracional; diminuindo o autoconceito dessa população.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Têm-se as primeiras noções do conceito trauma atribuídos a Sigmund Freud, que ao ter contato com Jean-Martin Charcot e suas pesquisas sobre doenças nervosas crônicas, se dedicou a pesquisa da histeria, no qual o trauma relaciona-se com a estrutura e formação da neurose. Em seu texto, escrito junto a Breuer, Freud afirma: “No caso da neurose traumática, a causa eficiente da enfermidade não é a ínfima lesão corporal; mas o é o afeto de horror, o trauma psíquico.” (Freud & Breuer, 1893/1987, p. 31), associando desta forma a histeria a neurose traumática. No texto “Totem e Tabu” (1913-1914), em seu primeiro ensaio, Freud alega que os totens e tabus permanecem na sociedade, a partir de formação psicológica. Deduz-se então que, se os totens e os tabus estão presentes em nossa sociedade, e de maneira mais enfática na infância, ou eles foram originados na infância, ou se transmitiram por intermédio da cultura.

Os desejos primitivos do homem mantêm-se atualmente sob forte repressão. A repressão é a base da cultura. É o preço que o homem paga para ser civilizado. A conclusão é óbvia, em decorrência desses postulados, é que a neurose é comum a todos nós. (MASPOLI, 2018, p.30).

Freud utiliza-se do conceito psique coletiva ao explicar a transmissão de geração em geração, de certos tabus ou desejos proibidos, como o incesto, parricídio, etc.

Ninguém pode ter deixado de observar, em primeiro lugar, que tomei como base de toda minha posição a existência de uma mente coletiva, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo. Em particular, supus que o sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter conhecimento dela. Supus que um processo emocional, tal como se poderia ter desenvolvido em gerações

de filhos que foram maltratados pelos pais, estendeu-se a gerações novas livre de tal tratamento, pela própria razão de o pai ter sido eliminado. [...] A menos que processos psíquicos sejam continuados de uma geração para outra, ou seja, se cada geração fosse obrigada a adquirir novamente sua atitude para com a vida, não existiria progresso nesse campo, e quase nenhuma evolução. Isso dá origem a duas outras questões: quanto podemos atribuir a quantidade psíquica na sequência das gerações? Quais são as maneiras e meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte? (FREUD, 2006^a, p. 159).

Tomando como pressuposto tais estudos de Freud, pode-se fazer uma analogia à questão do trauma em afrodescendentes. Assim como existem totens e tabus reforçados em nossa sociedade de forma psicológica, por meio de ritos, danças, religião, cultura, entre outros; os quais só podem ter sido reforçados e herdados por meio traumático transgeracional, uma vez que as novas gerações não sofreram tais tratamentos dos pais, assim também os afrodescendentes herdaram traços traumáticos de seus antepassados escravizados, de percepções ocorridas ou vividas por eles, do significado de ser negro e sua história, que também sofreram o intermédio da cultura para serem reforçados e estereotipados até o presente momento.

Carl Gustav Jung (1914;1998) na obra “A Dinâmica do Inconsciente” também aborda o trauma transgeracional por meio dos arquétipos, que para ele são paráfrases das ideias de Platão, mas que se encaixam em outra conotação. Assim, os arquétipos ganham o conceito de representação coletiva que se cruza com as vivências culturais de cada ser, ganhando uma face universal. Desta forma, pode-se entender os arquétipos como base para compreensão do conceito junguiano de coletivo e inconsciente pessoal e de suas memórias.

Ao contrário de Freud, Jung acredita que o trauma não se baseia em uma origem de essência sexual, mas ela pode ser motivo de uma tragédia da espécie humana. Desse modo, o trauma transgeracional encontra-se na origem de um complexo cultural.

Se uma experiência de vida (como um trauma precoce) for acompanhada por um intenso afeto, todos os elementos perceptivos e mentais associados a essa experiência se acumularia em torno desse afeto, formando um complexo intensificado pelo sentimento. (KALSCHED, 2013 apud MASPOLI, 2018).

Como aponta Antonio Maspoli (2018), o complexo pode ser definido como um conjunto de ideias e imagens que possuem em si uma carga afetiva forte, que dissociou-se da consciência por causa de um trauma psicológico ou/e por um conflito moral. Um

complexo pode manifestar-se de maneiras múltiplas, como uma compulsão. Todavia, um complexo atua de forma autônoma e inconsciente, e por isso possui mais força, ou seja, ela atua independentemente do querer do sujeito.

Jung, ao ser o primeiro a estudar o que leva aos complexos, realizou pesquisas que pudessem revelar maiores informações, como O Teste de Associação de Palavras (1904), no qual ele reproduz uma série de palavras perante o sujeito e este deve lhe dizer a primeira palavra que vem a mente. Nesse teste Jung constatou que quanto mais traumática ou assustadora fosse a palavra para o sujeito, mais tempo ele demorava para responder. Encontrou como causa dessa demora, um grande afeto envolvido e a inconsciência do processo. Desse modo, pode-se dizer que o trauma se faz presente na vida do sujeito por meio do complexo e da dissociação que esse exerce, não permitindo que o sujeito integre sua consciência em relação a imagem, afeto, percepção e outros.

De um ponto de vista cultural, pesquisas sobre esses complexos foram ampliadas a partir de grandes traumas coletivos, como o atentado de 11 de setembro. Thomas Singer (2004), a partir dos conceitos de Jung e Joseph Henderson, deu origem ao termo complexo cultural. Este, podemos denominar como complexos afetivos que são comuns em certo grupo, assim como sentimentos, imagens e percepções tidas por uma mesma sociedade ou cultura (BOECHAT, 2012 apud MASPOLI, 2018).

Traumas externos produzem danos no mundo interior do sujeito. Trauma repetitivo para um povo ou para um grupo resulta na criação do complexo cultural, que, por seu turno, estimulam frequentemente a ocorrência de outros eventos traumáticos. Um ciclo vicioso de trauma que leva ao complexo, precipitando novos traumas, que reforça um complexo inexoravelmente num efeito cascata em um natural progresso destrutivo. (GALILI-WEISSTUB, 2004, p. 147)

Tal complexo, construído e vivenciado pelos escravos negros durante o período escravocrata, permeia-se no tempo contemporâneo, através do trauma transgeracional, explicando o fato dos afrodescendentes carregarem consigo sentimentos, memórias e discursos que dizem respeito a uma época não vivida por eles.

Essa população negra traumatizada com suas defesas do espírito coletivo podem se encontrar vivendo em uma história que se estende por várias gerações, vários séculos, ou mesmo milênios com experiências repetitivas, experiências dolorosas que corrigem esses padrões de comportamento e emoção em que os psicólogos analíticos conhecem como

“complexos”. Os complexos do grupo criam campos bipolares da mesma forma que os complexos pessoais ativam ou constelam a realidade externa que divide o mundo interior. A vida traumatizada do grupo é incorporada à vida interior do indivíduo através de um complexo cultural. (SINGER, 2009, p.19).

Negro Drama

Racionais, 2002:

(...) Me ver pobre, preso ou morto

Já é cultural

Histórias, registros, escritos

Não é conto

Nem fábula

Lenda ou mito

(...)

Eu visto preto

Por dentro e por fora

Guerreiro

Poeta entre o tempo e a memória

(...)

Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?

Você tá dirigindo um carro

O mundo todo tá de olho em você, morou?

Sabe por quê?

Pela sua origem, morou irmão?

É desse jeito que você vive

É o negro drama

Eu não li, eu não assisti

Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama

Eu sou o fruto do negro drama (...)

Por meio de passagens da música Negro drama, composta pelos Racionais MC's em 2002, nota-se o discurso de sofrimento do negro no período contemporâneo. Na primeira estrofe da música destacada, o cantor Mano Brown afirma "Me ver pobre, preso ou morto já é cultural/ Histórias, registros, escritos, não é conto nem fábula, lenda ou mito." Nessas palavras, pode-se perceber em que proporção a desigualdade racial e econômica se estendeu. Pela desigualdade ser tomada como algo de processo histórico e cultural, acaba-se por ser considerado também como normal pela população excludente e também pela qual é excluída, que adere, com o passar do tempo o discurso de seu opressor.

Nessas condições, exacerba-se o distanciamento social entre as classes dominantes e as subordinadas, e entre estas e as oprimidas, agravando as oposições para acumular, debaixo da uniformidade étnico-cultural e da unidade nacional, tensões dissociativas de caráter traumático (...) A estratificação social separa e opõe, assim, os brasileiros ricos e remediados dos pobres, e todos eles dos miseráveis, mais do que corresponde habitualmente a esses antagonismos. Nesse plano, as relações de classes chegam a ser tão infranqueáveis que obliteram toda comunicação propriamente humana entre a massa do povo e a minoria privilegiada, que a vê e a ignora, a trata e a maltrata, a explora e a deplora, como se esta fosse uma conduta natural. (RIBEIRO, 1995, p. 24-25).

Já na passagem "Ae, você sai do gueto mais o gueto não sai de você, morou irmão?/ Você tá dirigindo um carro, o mundo todo tá de olho em você, morou? Sabe por quê? Pela sua origem, morou irmão?/ É desse jeito que você vive, É o negro drama." Podemos afirmar desse modo, que o cantor expõe o quanto o fator cor de pele e descendência são de questão essencial para a aceitação ou não do sujeito na sociedade considerada dominante. Apesar da liberdade financeira que pode ser obtida pela população negra, a questão racial e étnica sobrepõe o dinheiro, e que por isso, sempre serão vistos como inferiores ou não pertencentes.

Por fim, o último trecho destacado da música diz: "Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama/ Eu sou o fruto do negro drama", demonstrando explicitamente o trauma transgeracional da escravidão presente na vida do cantor e de outros negros e que, apesar do fim da escravidão, legislativamente alcançado a mais de um século, o negro reproduz em

seus discursos memórias e sentimentos que o tornam pertencente à época escravocrata, mesmo que não o tenha vivido efetivamente, e que por outros meios e técnicas, a sociedade reforça estereótipos e os mantém excluídos e marginalizados.

Em síntese, a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas, é processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha no sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ela é produto do funcionamento do sistema. (SAWAIA, 2010, p.9).

Denise Ramos é uma das primeiras a focar nos estudos que interligam complexo cultural com o complexo de inferioridade em afrodescendentes no Brasil, o tema central de suas pesquisas é: “Formação da Identidade e sentimentos de autoestima: um estudo comparativo entre jovens brancos e negros”. (RAMOS, 2015). Ela afirmou em sua segunda pesquisa:

Os dados revelam uma clara diferença entre os afros e europeus-descendentes quanto aos sentimentos sobre sua origem, ancestralidade e autoestima. Enquanto que os últimos revelaram orgulho e sentimento de pertencimento, os primeiros, na sua grande maioria revelaram desconhecer sua origem, com baixa autoestima, sentimentos de desvalorização de si mesmo e de sua família. (RAMOS, 2009, p.2).

Dessa forma, pode-se concluir que, muitas vezes, a falta de informação sobre o passado, sobre a família e seus descendentes, ajuda a reforçar o trauma nos afrodescendentes, que se veem de forma inferior se comparado com demais grupos, como os europeus, apontado pelo trabalho de Ramos.

“(…) Ajudou a construí-la e, nesse esforço se desfez, mas, ao fim, só nela sabia viver, em razão da sua total desafricanização.” (RIBEIRO, 1995, p. 220).

Rodrigo de Jesus (2018) realizou uma pesquisa nas cidades de Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, Fortaleza e Belém, intitulada: “Mecanismos eficientes na produção de fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento, invisibilização”. Nesta, ele

pôde confirmar, a partir de relatos de jovens estudantes do ensino médio negros, brancos, pardos e amarelos, o quanto o racismo estrutural e o silêncio em torno deste, a falsa democracia racial, estereotipização dos corpos negros; afeta de forma direta e indireta a população afrodescendente no desempenho escolar, assim como interfere em sua autoestima e autoimagem.

Antônio Maspoli (2018) iniciou a pesquisa sobre o trauma transgeracional com os quilombolas no Brasil. Por meio de uma pesquisa de campo, ele pôde compreender de forma direta a luta, coragem e resiliência dessa população após a escravidão e a diáspora africana. Tal trauma, segundo o autor, reaparece por meio de memórias coletivas, contos e emoções, consciente ou inconscientemente, e muitas vezes, até pelo não dito.

Deste modo, por meio de uma metáfora, pode-se alegar que a proporção que as correntes do corpo foram soltas após a abolição da escravidão, as que atuam sobre a mente continuam exercendo-se, por meio da exclusão, e desamparo aprendido sobre os povos afrodescendentes.

3. METODOLOGIA

A partir dos objetivos propostos por este projeto, pode-se determinar o método de pesquisa, assim como os instrumentos e a população estudada.

Destarte, optou-se pela realização de uma pesquisa na modalidade qualitativa, uma vez que essa possui, entre suas características, a possibilidade de coleta de dados, predominantemente descritivos, fornecendo variedade de elementos e retratando de forma mais ampla as perspectivas dos participantes (SEVERINO, 2007).

A pesquisa foi realizada dentro do município de São Paulo, em ambiente adequado e de melhor acesso aos/as colaboradores/as. Participaram deste estudo segundo a sua autodeclaração, três sujeitos negros, três sujeitos pardos e três sujeitos brancos. Todos os 9 colaboradores são universitários da Grande São Paulo ou região, e possuem entre 18 e 25 anos, a fim de que possam estampar as variedades ocorridas na vida particular de cada um.

De acordo com MINAYO (2010), a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão de conteúdos subjetivos, como: sentimentos, motivações e significados, portanto, não mensuráveis quantitativamente. – consiste em um estudo de caso, com tantos sujeitos, que não permite estabelecer generalizações.

Para realização deste estudo foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro pré-estabelecido.

O registro dos dados foi realizado mediante gravação digital e anotações durante o curso da entrevista. As gravações das entrevistas foram transcritas na íntegra e utilizadas para análise de dados.

3.1. Procedimentos

A pesquisa seguiu os seguintes procedimentos: primeiramente foi efetuado contato com universitários jovens estudantes de 18 a 25 anos. Aos sujeitos, foram apresentados os objetivos da pesquisa e explicitada a forma de participação que seria solicitada, qual seja, a realização da coleta de dados sobre o tema 'Trauma Transgeracional em Afrodescendentes Jovens Universitários'. Também foram explicitados aos sujeitos os cuidados éticos que foram tomados durante a elaboração do projeto e que se mantiveram durante todo o processo de realização da pesquisa, garantindo-se o sigilo das informações que permitam a identificação dos participantes. No caso de concordância em participar, esta foi firmada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional. Os TCLEs para os sujeitos participantes foram elaborados conforme prescrevem os artigos 4º e 5º da Resolução CFP N° 016/2000 e item IV da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Os participantes responderam o questionário semiestruturado de acordo com a autodeclaração da sua cor de pele. Não houve tempo mínimo ou máximo para as respostas, e os colaboradores obtiveram durante todo o processo a liberdade para abandonarem a pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo a eles atribuído.

Tendo em vista a modalidade da pesquisa (qualitativa) e a técnica de coleta de dados (entrevista semiestruturada) proverem quantidade substancial de informações, realizou-se uma análise hermenêutica-dialética dessas informações.

Segundo MINAYO (2000, p. 231), o método hermenêutico-dialético "é o mais capaz de dar conta de uma interpretação aproximada da realidade. Ele coloca a fala em seu contexto para entendê-la a partir do seu interior e no campo da especificidade histórica e totalizante, em que é produzida".

Os dados resultantes desse processo de análise foram compilados em relatório. Este foi e é disponibilizado aos participantes, a título de devolutiva, e à Instituição Presbiteriana Mackenzie.

Este projeto alinha-se com os princípios do Estatuto da Igualdade Racial - Lei nº 12.288, de 29 de julho de 2010, no Artigo 10, Inciso II e III: "Produção de conhecimento científico e tecnológico em saúde da população negra" e "O fomento à realização de estudos e pesquisas sobre racismo e saúde da população negra".

A pesquisa seguiu as normas estabelecidas da ética em pesquisa com seres humanos, de acordo com a Resolução nº466/2012, que cuida de pesquisas e testes em seres humanos, publicada no dia 13 de junho, no Diário Oficial da União.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Totalidade dos sujeitos por autodeclaração da cor de pele (masculino e feminino)

Número de sujeitos negros/as: 3

Número de sujeitos pardos/as: 3

Número de sujeitos brancos/as: 3

Totalidades dos sujeitos (homens e mulheres)

Número de sujeitos do sexo feminino negras: 1

Número de sujeitos do sexo feminino pardas: 3

Número de sujeitos do sexo feminino brancas: 2

Número de sujeitos do sexo masculino negros: 2

Número de sujeitos do sexo masculino brancos: 1

Destarte, a partir dos objetivos desta pesquisa, as entrevistas dos colaboradores foram analisadas em método qualitativo, tendo como base a literatura e o referencial teórico, valorizando subjetivamente os discursos, emoções e pensamentos dos sujeitos. Embora cada narrativa esteja atrelada diretamente a uma vivência pessoal, buscou-se ao máximo uma sistematização das respostas, concretização dos assuntos mais abordados e verbalizados pelos participantes.

Objetivo I. Compreender se os afrodescendentes jovens são afetados negativamente pelas memórias de seus antepassados que foram escravizados.

Quando questões em relação às memórias da escravidão foram abordadas, os participantes foram convidados a dizer as imagens que lhe vinham a mente. A maioria das respostas foi: navio negreiro, senzala, correntes, tristeza, chicote e tronco, na qual todos apareceram 3 vezes; tortura 2 vezes; e trabalho uma vez.. Em seguida foram questionados se possuíam algum sentimento em relação a essas imagens, e majoritariamente as respostas foram seguidas pela palavra tristeza (7); dor (2) e raiva (1). Os sujeitos brancos demonstraram empatia pelas pessoas que sofreram e sofrem racismo, assim como sentimento de tristeza e dor pelos acontecimentos da escravidão. Todavia, esses

sentimentos não são algo que acompanham e afetam tais participantes durante o dia a dia. Também foi possível perceber o tema escravidão como ainda um tabu e situação de não enfrentamento, demonstrando a ausência dessa população em questões urgentes e incômodas como o racismo e a falsa democracia racial, agindo em sua maioria, de forma passiva diante da injustiça, ainda que de uma forma não perceptiva.

“[...] eu fico um pouco decepcionado, triste, porque isso faz parte da nossa história, e não é muito bom, e eu também fico com dó de quem viveu aquilo, quem passou por aquilo, e pelos descendentes, filhos, netos, bisnetos e etc.” Sujeito branco 1

“Não, nenhum sentimento..... Sentimento de dor, tristeza, porque foi uma coisa ruim.” Sujeito branca 2

Já os discursos da população parda podem ser mais bem equiparados com o da população negra, uma vez que ao longo da narrativa todas as sujeitas pardas demonstraram sentir incômodo ou não pertencimento em um ambiente de maioria branca, e dos sujeitos negros, 2 de 3 demonstraram de alguma forma estarem apreensivos pelo tom de pele, ou por sentir medo de estar em algum lugar em que não sejam bem recebidos. Estas falas demonstraram a firme introyeção do preconceito e segregação racial pelos sujeitos pardos e negros, uma vez que a cor da pele os identifica como descendentes de população escrava, tornando-os de mais fácil exclusão. Não só a marca na pele, mas o modo como as histórias de escravidão e do que foi e é ser negro são transmitidas pelas escolas, instituições, músicas, mídia; inserem os jovens negros e pardos nessa dicotomia passado-presente, de memórias negativas não elaboradas e resolvidas do passado, levando-os ao complexo cultural, e conseqüentemente, ao trauma transgeracional.

“Me sinto desconfortável. Não sei, dá a sensação de que tipo, você não faz parte daquele lugar ou coisas do tipo.” Sujeita parda 1

“ Constrangida...literalmente constrangida. Automaticamente a gente acaba se sentindo inferior [...]” Sujeita parda 3

“[...] até hoje eu falo pro meu chefe que deveria ter um tronco no setor, porque acho que ele vive vendo um negro e querendo chicotear...Então são imagens mais o menos assim, são coisas que elas sempre vão te fazer diferente, vão te fazer lembrar dessa história negra. [...]” Sujeito negro 2

“Depende do ambiente. Se for avaliar pelo grupo de trabalho, faculdade, contexto de vida, se for avaliar pelos melhores lugares que tem, me sinto incomodado, por normalmente ser o único.” Sujeito negro 3

Objetivo II. Averiguar se há uma baixa autoestima nos afrodescendentes jovens, causada pelo trauma transgeracional; diminuindo o autoconceito dessa população.

Quando os temas autoestima e autoconceito são abordados dentro do racismo, eles pode ser estudado por diferentes ângulos. Segundo Francisco Bethencourt:

“O racismo atribui um único conjunto de traços físicos e/ou mentais reais ou imaginários a grupos étnicos específicos, com base na crença de que essas características são transmitidas de geração em geração. Os grupos étnicos são considerados inferiores ou divergentes da norma representada pelo grupo de referência, justificando assim a discriminação ou a segregação.”
(BETHENCOURT, 2018, p.12)

Por meio dessa passagem do livro Racismos (2018), dentre outros estudos já citados nesta pesquisa, é notório as pressões que a população afrodescendente pode estar suscetível pelos padrões e estereótipos de beleza estipulados, principalmente no contexto contemporâneo. Todavia, essas pressões podem se apresentar de diversas formas, assim como atinge a cada um de maneiras múltiplas. Tais diferenças podem ser encontradas nos discursos dos colaboradores deste projeto.

Quando os participantes foram convidados a refletirem em que momento se perceberam da cor da qual se autodeclararam, a maioria das respostas foram pouco concretas. Dos três sujeitos brancos, todos afirmaram que começaram a se entender como brancos/as desde crianças, por meio dos pais, ou na escola, por meio das diferenças com os colegas. Entretanto, dois dos mesmos sujeitos, disseram que quando mais velhos, se perceberam como sujeitos privilegiados, e que ser branco significa mais do que somente uma cor de um ponto de vista social.

“ [...] Então talvez desde que você é criança você já, você não é, pelo menos eu fui classificado, já me disseram que eu era branco e eu só aceitei isso [...] mas várias outras coisas eu sinto que tenho vários privilégios por ter nascido branco, as vezes ir em algum lugar e alguém me olhar torto, isso nunca aconteceu comigo de alguém me olhar torto ou pensar tipo ‘o que essa pessoa está fazendo aqui?’” Sujeito branco 1

“ [...] quando eu tive mais uma noção do era ser branca de verdade, essas coisas de privilégio e não que só é uma cor diferente, porque na verdade não é... foi mais...acho que ensino fundamental e médio, que eu comecei a ter um pouco de noção sobre isso, mas eu não me lembro exatamente como, nem quando.” Sujeito branco 3

Já a mesma pergunta aplicada aos colaboradores negros/as, correspondeu a diferentes respostas. Dois dos três sujeitos disseram terem sido introduzidos a essa tema desde pequeno, por meio da família ou relação social, mas ambos por causa do racismo.

“Acho que quando eu tinha oito anos! Porque tinha um grupinho de meninas na escola e elas começaram a me excluir e aí só tinha eu de negra, então eu pensei assim: ‘Será que é porque eu sou negra? [...]’ Sujeito negro 1

“[...] Mas a minha mãe desde pequeno nos explicou o que é ser negro, o que acontece com negro. Minha mãe sempre explicou que nós, de maneira nenhuma deveríamos nos sentir inferior pela cor da nossa pele, e que nós não poderíamos nunca deixar alguém nos fazer inferior por causa disso. Então desde pequenininho minha mãe sempre nos introduziu nessas questões.” Sujeito negro 2

Por outro lado, a população parda demonstrou discursos misturados por incerteza, desinteresse e relações sociais.

“(riso constrangido) Ah, na verdade a minha família sempre falou que eu era parda e eu meio que aceitei, só que depois de um tempo eu me achei negra, só que hoje eu me acho parda de novo, mas sei lá, ainda estou em caso de construção, construindo minha identidade.” Sujeito pardo 1

“Bom (risos), acho que além da minha mãe falar, sei lá, eu nunca procurei tipo, eu sou branca? Eu sou negra? Sou japonesa? Sei lá, eu nunca procurei, eu tenho o que a minha mãe falou e pra mim tá bom, tanto faz pra mim, tá ótimo (risos).” Sujeito pardo 2

“A partir do momento que eu já tinha a consciência né, e também do que eu aprendi na escola.” Sujeita parda 3

Outras três perguntas de importante análise foram: I. Você já passou por alguma situação racista pela cor da sua pele?; II. Você já desejou não ser branco/pardo/negro? e III. Como você se sente em relação ao seu cabelo?; pois demonstraram aspectos importantes das vivências dos sujeitos.

A primeira pergunta destacada apontou diferentes realidades dos sujeitos. Dos três sujeitos brancos, todos afirmaram nunca terem sido alvos de racismo e que também não conhecem ninguém que tenha sido. Por outro lado, dos três sujeitos pardos, duas afirmaram terem sofrido, e compartilharam memórias não agradáveis dos momentos de preconceito, envolvendo lágrimas e de certa forma, revivificação do trauma. A participante parda que afirmou não ter sido alvo de racismo, expos que seus parentes já haviam sido, e que acreditava que isso ocorreu por eles terem a pele mais escura. Algo interessante de ser apontado, é que dos participantes negros, todos afirmaram não acreditarem que pessoas pardas sofrem com o racismo, demonstrando interpretações e opiniões distintas do que significa ter uma cor ou outra no contexto social brasileiro. Dos participantes negros, 2 afirmaram terem sido vítimas do racismo, assim como outras pessoas negras que

conhecem. O discurso da colaboradora negra que afirma não ter sofrido racismo demonstrou ser um pouco contraditório, pois em outra passagem já destacada nessa pesquisa, disse que acreditava ter sido excluída pelas suas amigas quando criança por causa da sua cor de pele.

“(Respira fundo) Eu estou emocionada... Ai eu acho que uma vez na escola...(chorando), eu nunca contei pra ninguém isso, mas uma vez na escola eu estava de shorts e ai um menino, eu nem ouvi, foi outra pessoa que falou pra mim que um menino tipo, a gente estava de shorts e um menino falou ‘Nossa, como sua pele é escura!’, e tipo ele chamou a gente de macaca [...]” Sujeita parda 1

“Hmm... Não. Mas o meu irmão já, e a minha mãe também! Tipo, o meu irmão ele é mais escuro do que eu, e minha mãe também obviamente. E meu irmão sofria muito bullying na escola, porque além dele ser gordo ele era NEGRO também, e ai falaram que chamavam ele de negro boludo, e enfim... Minha mãe também já ouviu chamarem ela de macaca em fila de mercado, então foi bem tenso...Minhas tias também.” Sujeita parda 2

“Simm, eu já passei e conheço quem já passou. Em diversas ocasiões e até indo em algum lugar de alto custo para estar, e pro ser negro você é confundido com trabalhos local, ou segurança, garçom, e não alguém que veio participar do evento.” Sujeito negro 3

Quando os participantes foram questionados se já desejaram não serem da cor que são, todos os sujeitos brancos afirmaram que não; uma sujeita negra disse que quando criança já, mas que agora jamais pensaria; e dos sujeitos negros, somente um também afirmou que já, mas pelo quesito beleza, pois acredita que a beleza ocidental e de traços mais finos é mais valoriza e considerada mais bonita.

Mesmo a população negra e parda afirmando que sofrem racismo e preconceito por possuírem uma cor de pele mais escura, somente um de cada grupo diz já ter desejado ter uma cor mais clara, o que significaria sofrer menos preconceito. Essa baixo sentimento de desejar pertencer a outro grupo é algo positivo, uma vez que dá a possibilidade do grupo ao que pertencem possuírem um maior autoconceito e autoestima. Além disso, demonstram que a luta contra o racismo não é anulando quem são, mas sim reafirmando a sua descendência/ascendência, valorizando seus traços e belezas singulares e grupais.

“Já. Quando eu era pequena. Mas não, hoje não, de forma nenhuma.” Sujeita parda 3

“Nunca! Nunca, nunca, nunca.” Sujeita negra 1

“Já. Quando a gente olha pelo quesito beleza. Porque às vezes a gente sempre olha a gente vê que nós somos influenciados pela mídia, pelo meio e todo mundo acho bonitinho o loirinho, de olho verde,

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda pesquisa, os participantes expuseram seus sentimentos e opiniões sobre o tema central racismo, e quais são as memórias, traumas e pensamentos que ele pode acarretar. À medida que as falas dos sujeitos foram analisadas, de acordo com a literatura e o referencial teórico, pode-se afirmar que o primeiro objetivo foi alcançado e confirmado, uma vez que os participantes negros são afetados de forma negativa pelas memórias que possuem de seus antepassados, sentimento não encontrado entre os sujeitos brancos. Tal afeto leva-lhes a carregarem um peso de levar informação à população e de lutar contra o racismo, que atua como uma herança da escravidão. Além disso, os sentimentos de segregação e exclusão se mostram pertinentes entre estes sujeitos, levando-os a crer que a escravidão ainda não acabou, mas que ela atualizou seu modo de ação, reafirmando o trauma transgeracional existente nos sujeitos afrodescendentes.

Já em relação ao segundo objetivo, é possível dizer que também foi alcançado e confirmado, todavia, com ressalvas. A população parda e negra participante dessa pesquisa se demonstrou ainda afetada pelos padrões e estereótipos brancos e ocidentais, por meio de complexos culturais, entretanto, apontam que sabem que tais regras não devem ser consideradas como única beleza possível e aceita, e que buscam dentro de si essa desconstrução. O desejo de pertencer ao grupo branco considerado privilegiado não é predominante, apontando mais uma vez para essa busca da valorização dos próprios traços e beleza, além da luta para o fim do preconceito e racismo.

Vale ressaltar que esse estudo contou com poucos participantes, de idades e condições socioeconômicas específicas, se comparado com a população de São Paulo e do Brasil e, por esse motivo, não deve ser generalizada para todos os sujeitos brasileiros. Todavia, os discursos dos sujeitos não são separados de um contexto social e histórico, e por isso devem ser considerados como pertinentes e verdadeiros.

6. REFERÊNCIAS

BADER, S.et.al. *As Artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 159 p.

BETHENCOURT, F. *Racismos: das cruzadas ao século xx*. 2 ed. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2018. 592 p.

BROWN, M; ROCK, E. *Negro Drama – Racionais MC`s*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63398>>. Acesso em 02 de março de 2019.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Totem e Tabu e outros trabalhos*. 12 ed. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. 277 p.

_____ Freud v.19 Moises e o Monoteísmo Compendio de Psicanálise. 15 ed. [S.L.]: Companhia das letras, 2018. 392 p.

FREUD, S; BREUER, J. Estudos sobre a histeria. 1 ed. Paris: PUF, 1956.

GALILI-WEISSTUB, E. Collective trauma and cultural complex. In: SINGER, T.; KIMBLES, S. L. The Cultural Complex. Contemporary Jungian Perspectives on Psyche and Society. Hove; New York: Brunner-Routledge, Taylor, Francis Group, 2004. p. 147-171.

JESUS, R. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100102&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

JUNG, C.G. A Dinâmica do Inconsciente. v. VIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. 590 p.

MASPOLI, A. Trauma Transgeracional na Diáspora Africana. 1 ed. São Paulo: Reflexão, 2018. 326 p.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro, Abrasco, 2000.

_____ Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta *in* MINAYO, M. C. S. (org); DESLANDES, S.F.; GOMES, R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 29ª ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____ Análise e interpretação de dados de Pesquisa Qualitativa *in* MINAYO, M. C. S. (org); DESLANDES, S.F.; GOMES, R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 29ª ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RAMOS, D. G; LOCATELLI, R; WINNING, R. Formação da Identidade e sentimento de autoestima: um estudo comparativo entre jovens brancos e negros. Núcleo de Estudos Junguianos. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/jung/portugues/publicacoes/artigos.html> >. Acesso em 10 de março de 2019.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: a formação e sentido do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Global, 2015.

SAWAIA, B. B. As artimanhas da exclusão: uma análise ético –psicossocial da desigualdade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SINGER, T.; KIMBLES, S.L. The Cultural Complex. 1ª Ed, Routledge, 2004. 296 p.

Contatos: saratesma1000@gmail.com e antoniomaspoli@uol.com.br